

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v16e12021125-131>

Recebido em 20/06/2021. Aprovado em 25/07/2021

RESENHA DE HAN, BYUNG-CHUL. *NO ENXAME: PERSPECTIVAS DO DIGITAL*. TRADUÇÃO DE LUCAS MACHADO. PETRÓPOLIS: VOZES, 2018

Adilson Cristiano Habowski*

Elaine Conte**

O filósofo sul-coreano radicado na Alemanha Byung-Chul Han, na obra *No Enxame*, faz um convite para a discussão sobre a ascensão da mídia digital e a incapacidade de elaboração humana dos instrumentos culturais, que deixa o espaço público na perspectiva do exame, sem ação reflexiva e sem filtro no embate compreensivo do mundo digital. Han ancora sua abordagem num mundo digital de comunicação compulsiva do *enxame*, que torna os sujeitos incapazes de raciocínio, distanciamento, ação crítica e afeto, diante da perda do respeito pelo outro e pela autoridade da experiência, momento em que entra em jogo a dispersão e desintegração generalizada. O autor identifica na lógica da embriagues perceptiva, cegueira e estupidez coletiva, as características do desrespeito recíproco de viver no enxame. O projeto de libertação da coação da era industrial se desdobra nas algemas do melhor desempenho, auto-otimização e autoexploração de si mesmo, domesticável em potencial.

Desde o primeiro capítulo, “Sem respeito”, Han (2018, p. 11) permite compreender a profundidade dos conceitos, partindo da palavra respeito, que deriva “do alemão *Rücksicht* significa *olhar para trás*, sendo um *olhar de volta*”. Destaca que respeitar pressupõe um olhar distanciado sobre o horizonte da experiência do outro, como um espelho retrovisor necessário para quem deseja fazer uma ultrapassagem, um *pathos da distância*, que atualmente dá lugar a um ver sem distância. O autor entende que vivemos em uma sociedade do desrespeito, do espetáculo, do escândalo e da falta de distância da esfera pública. A medialidade da comunicação digital desconstrói a necessária distância do que é privado e público, sendo nociva ao respeito e à erosão da distância intelectual. Han (2018, p. 14) discute que “anonimidade e respeito se excluem mutuamente”, no sentido de que a comunicação digital anônima é corresponsável pela cultura de indiscrição e pela falta de respeito que está em disseminação globalmente.

* Doutorando em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE, Canoas/RS. Bolsista da CAPES e membro do grupo de pesquisa NETE/CNPq. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle e Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação -NETE/UNILASALLE/CNPq e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores - GEFFOP/CNPq. E-mail: elaineconte@yahoo.com.br.

Os estudos de Han indicam que não há nenhuma hierarquia clara entre remetente e destinatário, o que causa uma desintegração do poder, da autoridade e de valores, cujo *refluxo (Shitstorm)*¹ comunicativo destrói a ordem e o poder instituído. O poder como mídia de comunicação cuida para que a comunicação flua em um sentido imaturo. O filósofo evidencia que “vivemos em uma sociedade sem respeito recíproco” e o poder da comunicação não é dialógico, pois “diferentemente do poder, o respeito não é necessariamente uma relação assimétrica”, pois implica o respeito que exige distância e o reconhecimento *recíproco* (HAN, 2018, p. 18).

A partir do segundo capítulo, denominado *Sociedade da indignação*, Han indica que as ondas de indignação são competentes para mobilizar e compactar a atenção pela sua fluidez e volatilidade, mas não são apropriadas para organizar o discurso e a esfera pública. A sociedade da indignação digital surge em ondas de desobediência, histeria, rebeldia e inconstância de uma sociedade do escândalo, sem limites, sem espaço para a discricção e o diálogo, porque já não é constituída pelo reconhecimento do que é tecido junto, em uma comunidade aprendente de nós sociais. A indignação digital não é capaz de levar à ação ou à narrativa, pois remete à dispersão fugidia e óbvia por si, uma desintegração generalizada, um *estado* afetivo que não desenvolve nenhuma força de ação futura, visto que o capital de confiança de um perfil *online* na rede digital é tomado com efeito imediato.

No terceiro capítulo, intitulado “No enxame”, Han defende a tese de que “a nova massa é o *enxame digital*”, as massas em tempos de crise, transição e revolução digital fundaram sindicatos aos quais “se submetem, bolsas de trabalho que, desafiando todas as leis econômicas, tentam regular as condições de trabalho e de salário” (HAN, 2018, p. 25-26). Tudo indica que o enxame digital não tem mais nenhum *perfil próprio* e nenhuma *alma global capaz de um agir conjunto*, mas se estrutura em indivíduos isolados, pois “os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*” (HAN, 2018, p. 27). Além disso, “o enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. Também falta ao *Shitstorm* uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho*” (HAN, 2018, p. 27).

Han recorre ao conceito de *homo eletronicus*, de McLuhan, que se assemelha ao homem digital (*homo digitalis*) das massas, que é tudo, menos um *ninguém*, ou seja, é alguém *anônimo* que compete e se expõe para ser visto em aglomerados. Ele “preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um *perfil* e trabalha ininterruptamente em sua otimização” (HAN, 2018, p. 28). Em tempos digitais, a economia aglomerada revela a crença das interações sociais e econômicas que envolvem parceiros *online* absorvidos pela massa. “O habitante digital da rede não se reúne. Falta a ele a *interioridade da reunião* que produziria um *Nós*” (HAN, 2018, p. 29). Se a pluralidade de discursos desvelava as contradições com os imperativos sistêmicos e as diferenças, segundo o autor, agora isso dá lugar a um sistema de classe social *única*, cuja lógica é da competição e da exploração de si, para alcançar a visibilidade no mundo produtivo e global.

¹ “*Shitstorm* é traduzido como *tempestade de indignação* ou *tempestade de merda*, termo usado para descrever campanhas difamatórias de grandes proporções na internet contra pessoas ou empresas” (HAN, 2018, p. 14).

A obra articula no quarto capítulo a *Desmediatização* que se manifesta como exigência por mais participação e transparência da sociedade, cuja temporalidade é o presente imediato. Com a mídia da *presença* onde todos têm a compulsão por estar presentes pela mera opinião, “a representação recua frente à *presença* ou à *copresença*”, ameaçando a democracia representativa pelo congestionamento de informações (HAN, 2018, p. 37). “A desmediatização, em contrapartida, leva, em muitos âmbitos, a uma *massificação*. Linguagem e cultura se achatam. Elas se tornam vulgares. [...] O *futuro*, enquanto tempo do político, desaparece” (HAN, 2018, p. 38). Segundo o autor, abdicar da possibilidade de confiabilidade da comunicação, na rapidez da linguagem digital transparente e de proceder por informações aditivas, para torná-la imediatamente pública, faz da dimensão política pura enrolação, tornando impossível o seu amadurecimento, em termos de produção do saber singular e do inteiramente outro.

No capítulo cinco, “O Hans Esperto”, surge a preocupação em torno da comunicação verbal e não verbal, como gesticulação, expressões de rosto e linguagem corporal. Frente a isso, Han (2018, p. 44) afirma que “a mídia digital furta à comunicação a tatilidade e a corporeidade, [...], a pluridimensiolidade e multiplicidade de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos”, resultando em uma intercomunicação *pobre de olhar*. Destaca que a eficiência e a comodidade da comunicação digital causam uma comunicação sem contato, sem vínculos com o rosto, o gesto e o corpo do outro, afastando as pessoas de comportamentos e formas relacionadas com a vida atual. Nesse universo em que o outro não gesticula pela fala, olhar ou interpelação do contraditório, o digital “[...] descontrói o real e *totaliza o imaginário*. O *smartphone* funciona como um espelho digital para a nova versão pós-infantil do estágio do espelho. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco [e] desaprendo a *pensar* de um modo complexo” (HAN, 2018, p. 45). As mídias digitais demandam o curto prazo e ocultam “a experiência enquanto irromper do *outro* [que] interrompe o autoespelhamento imaginário. A positividade que habita o digital reduz a possibilidade de uma tal experiência. Ela promove o *igual*. [...] enfraquece a capacidade de lidar com o negativo” (HAN, 2018, p. 45). O olhar provocativo do autor em relação à comunicação digital aponta que, com a eliminação da distância necessária à constituição do outro em sua alteridade, nos afastamos cada vez mais do *outro*. A imagem da *tela transparente* nos protege do olhar emotivo, ou seja, “a transparência significa o fim do desejo, [pois] a intencionalidade da *exposição* destrói aquela *interioridade*, aquela reserva que constitui o olhar” (HAN, 2018, p. 51).

Nessa direção, o sexto capítulo, “Fuga na imagem”, trata as imagens não apenas como reproduções, mas como modelos de pessoas que impulsionam e idealizam a própria imagem. “A mídia digital realiza uma *inversão icônica*, que faz com que as imagens pareçam mais vivas, mais bonitas e melhores do que a realidade deficiente percebida” (HAN, 2018, p. 53).

A tecnologia digital não apenas “facilita o retoque das imagens que são armazenadas nos nossos repositórios, como também incrementa o papel que o desejo sempre desempenhou na articulação de imagens, tal como foi destacado pelos neurocientistas” (VAN DIJCK, 2007, p. 47). A tendência compulsiva de tirar fotos e publicá-las em quantidade na mídia digital representa uma reação de proteção, fuga ou distanciamento de uma realidade chocante e violenta, banindo esse mundo concreto e destituindo o imaginário do papel constituidor da evolução humana. Petry e Casagrande

(2009) realizam um paralelo entre imagem e imaginação, afirmando que o que transforma os elementos em imagem é a capacidade de imaginação, visto que estimula o pensar sob o ponto de vista do outro. Mas, “com a *primazia da imagem*, o que perdemos? Talvez a prática da memória, a lembrança e a imaginação, em primeiro lugar, porque a televisão, o cinema e a internet acabam substituindo a imaginação humana pela imaginação fabricada” (PETRY; CASAGRANDE, 2019, p. 625). Além disso, “se, preguiçosamente, não precisamos mais imaginar, por que e como colocar-se no lugar do outro? Será essa capacidade atrofiada?” (PETRY; CASAGRANDE, 2019, p. 625). De acordo com Han (2018, p. 56), “a mídia digital cria mais distância do real do que mídias analógicas. É que há menos *analogia* entre o digital e o real”. Enquanto a mídia analógica *padece do tempo* a digital é atemporal e *desfactizadora*. Os efeitos da otimização técnica da (re)produção de imagens acerca da realidade revela uma certa incompletude para “nos contrapormos a facticidades como corpo, tempo, morte etc.” (HAN, 2018, p. 57).

No sétimo capítulo intitulado “Do agir ao passar de dedos”, Han defende que a história humana reside na condição de *agir*, que significa recomeçar ou “deixar que um novo mundo comece” (HAN, 2018, p. 59). Questiona se no agir contemporâneo ainda seria possível fazer frente àqueles processos automáticos de decisão, que fazem com que as mãos murchem, sem trabalhá-las, pois ao invés de agir com coisas materiais (*homo faber*, trabalhador), agora impera o sujeito digital (dos dedos) que joga (*homo ludens*) com informações intangíveis. O autor acrescenta que “o *ser humano que passa os dedos sem mão*, o *homo digitalis*, *não age*. A *atrofia das mãos* o torna incapaz de ação”, sem um trabalho que pressupõe uma resistência crítica (HAN, 2018, p. 63). A sociedade da positividade digital evita todas as formas de resistência material e suprime *ações* diferentes, a não ser que sejam estudos do mesmo. “O jogador se dopa e se explora, até que ele se arruíne com isso. A era do digital não é uma era do ócio, mas sim do desempenho. O próprio jogo se submete à coação do desempenho. À atrofia das mãos se segue uma *artrose dos dedos*” (HAN, 2018, p. 63).

Han (2018, p. 65) revela que hoje somos “livres das máquinas da época industrial, que nos escravizavam e nos exploravam, mas os aparatos digitais produzem uma nova coação, uma nova exploração”, ainda mais eficientemente do trabalho móvel. A suposta liberdade pela via da mobilidade se inverte na coação do trabalho ininterrupto, do viver para trabalhar, cuja delimitação entre o tempo de trabalho e de ócio é completamente suprimida. Soma-se a esse cenário, a compulsão pela comunicação difundida e aprofundada pelas redes sociais. “Ela resulta, em última instância, da lógica do capital. Mais comunicação significa mais capital”, porque as curtidas absolutizam o número que é convertido em capital humano (HAN, 2018, p.66-67). Na linguagem do desempenho digital em rede positiva e transparente, há um distanciamento e atrofia entre o pensamento e a mão que age, levando ao *esquecimento do Ser* pela informação (exterior, cumulativa e aditiva) do existir aberto, sem proceder ao desvelamento humano (interior). Hoje não conseguimos *habitar e cultivar* o mundo, com paciência, acuidade, renúncia, serenidade do olhar que se demora e timidez, pois somos caçadores apressados da informação digital e acabamos condicionados, escravizados e colonizados pela máquina, sem tempo para o amadurecimento conceitual. “O destinatário da informação é, ao mesmo tempo, o remetente. Nesse espaço simétrico de comunicação é difícil instalar relações de poder” (HAN, 2018, p. 77).

O oitavo capítulo, “Do sujeito ao projeto”, investiga a chegada da mídia digital como uma *mídia do projeto*, isto é, “um projeto que projeta e otimiza a si mesmo” (HAN, 2018, p. 81). Para tanto, recorre à obra *Virada Digital*, de Flusser, que reivindica projetos de mundos alternativos (*do artista*) numa antropologia do digital, para resistir à operacionalidade e centralidade do mundo dissolvido em ilhas narcisistas. Han retoma as utopias dos primórdios da comunicação com Flusser, que desvela uma antropologia idealizada do enxame criativo, supondo que o sujeito telemático seria um ser-conectado com os outros, por meio de uma comunicação digital de (auto)reconhecimento recíproco baseado na aventura da criatividade. Depreende-se que a conexão digital não é, segundo Flusser, uma mídia da *busca compulsória* pelo novo, mas assentada na utopia da confiança e amor ao próximo, que empresta ao mundo a experiência de uma proximidade afortunada (*kairos*), ao esconjurar a distância temporal-espacial. No entanto, esse idealismo *da conexão* não se confirmou, porque a comunicação digital “destrói o espaço público e aguça a individualização do ser humano. [...] A técnica digital não é uma *técnica do amor ao próximo*. Ela se mostra, muito antes, como uma máquina de ego narcisista. E ela não é uma mídia dialógica”, ao invés disso, provoca coações de desempenho, resultando numa autoagressividade. (HAN, 2018, p. 86).

Nesse sentido, o capítulo “Nomos da terra” parte da seguinte inquietação: “A ausência de peso e a fluidez digital não nos fariam cair, muito antes, em uma insustentabilidade?” (HAN, 2018, p. 89). O autor pontua que a nova “ordem digital totaliza justamente o calculável ou o aditivo”, com bases fluidas, de um mar aberto ao *homo digitalis*, que se despede do *nomos* da Terra (HAN, 2018, p. 89). A obra evidencia que a sociedade digital, em vista da transparência, põe em xeque as “categorias como espírito, agir, pensar [dá lugar ao calcular] ou verdade”, porque qualquer distúrbio operativo prejudica a eficiência automatizada (HAN, 2018, p. 90-91). A obra nos permite compreender que vivemos a negatividade da exclusão no mundo digital, visto que “toma-se conhecimento de todas as coisas sem chegar a um reconhecimento. A dor, esse sentimento ondulante em vista do *outro*, é o *médium* do espírito. [...] A fenomenologia do digital, em contrapartida, é livre da dor dialética do espírito. Ela é uma *fenomenologia do curtir*” (HAN, 2018, p. 93).

A partir do décimo capítulo, “Fantasmas digitais”, o autor tece analogias com a carta que perde o significado lento da mídia escrita e se relaciona com fantasmas, cujos beijos escritos perdem o sentido vital. A nova geração de fantasmas digitais é mais numerosa, descontrolada, audaz, barulhenta e com a internet das coisas, a “comunicação automática entre as coisas, ocorre sem qualquer intervenção humana, [e] produz novos fantasmas. As coisas, que antigamente eram mudas, começam, agora, a falar” (HAN, 2018, p. 97). Com o mar digital entrando nas esferas dos mercados financeiros, outras formas de escuridão fantasmagórica emergem na transparência da comunicação entre algoritmos e máquinas, conduzindo as nações a guerras comerciais, indo além *da força humana*.

O autor chama a atenção à rápida circulação de informações e do capital que remete a nossa sociedade do “Cansaço da informação”, conforme discute no capítulo onze. Com base nesse cansaço desenvolvemos uma postura de recepção passiva, sem um filtro capaz de esboçar qualquer tipo de choque ou estranhamento, inclusive de imagens repulsivas

que são tornadas consumíveis. Destaca que a hiperaceleração do trabalho profissional gera depressão e a Síndrome de Fadiga da Informação, que é uma enfermidade psíquica “causada por um excesso de informação. Os afligidos reclamam do estupor crescente das capacidades analíticas, de déficits de atenção, de inquietude generalizada ou de incapacidade de tomar responsabilidades” (HAN, 2018, p. 104). A totalização e otimização do tempo presente desmonta as projeções futuras e “aniquila ações *que dão tempo* como o [se] responsabilizar e o prometer” (HAN, 2018, p. 107).

Nesse contexto, o capítulo onze, “Crise da representação”, provoca o leitor a pensar sobre a *verdade da fotografia* que consiste na inseparabilidade com o objeto real de referência, ou seja, a *emanação da verdade do referente*. Han diz que a fotografia digital abala e “encerra definitivamente a era da representação. Ela marca o fim do real. Nela não está mais contida nenhuma referência ao real”, tornou-se autorreferencial (HAN, 2018, p. 111). Em meio às incontáveis opiniões e opções individuais, as ideologias que formavam um horizonte político de decisão existencial se degeneram e se tornam um *sem discurso*. Tal dimensão é aprofundada no capítulo treze, intitulado “De cidadãos a consumidores”, pelo viés da “democracia desideologizada, [quando] os políticos são substituídos por especialistas que administram e otimizam o sistema” de forma superficial, assim como o “botão de curtir é a cédula eleitoral digital, [e] um rápido toque com o dedo substitui o *discurso*” (HAN, 2018, p. 116-117). Nessa perspectiva, a responsabilidade social é suprimida e se aproxima do *marketing* na *ágora* digital, onde todos se comportam como consumidores.

O penúltimo capítulo, “Protocolamento total da vida”, lança a ideia de que “no panóptico digital não é possível nenhuma confiança [...]. Os habitantes do panóptico digital não são prisioneiros, mas experimentam uma ilusão de liberdade sem limites, por meio da autoexposição” - consumação da sociedade de transparência (HAN, 2018, p. 121). De acordo com o filósofo, a crise de confiança é gerada pela fácil e rápida aquisição de conhecimentos, pela ânsia do melhoramento individual que expõe o outro à solidão e reflete na perda de significado da práxis social. Os argumentos revelam que “a possibilidade de um protocolamento total da vida substitui a confiança inteiramente pelo controle. No lugar do Big Brother, entra o Big Data” (HAN, 2018, p. 122).

O capítulo “Psicopolítica” conclui o livro com uma reflexão sobre o *psicopoder* digital que trabalha com o “estímulo, fortalecimento, vigilância, aumento e organização das forças sujeitadas” de uma sociedade que vive a transparência psicopolítica (HAN, 2018, p. 129). Finaliza afirmando que “a psicopolítica está em posição para, com ajuda da vigilância digital, ler e controlar pensamentos” e comportamentos do *inconsciente-coletivo* (HAN, 2018, p. 130).

É nessa direção que a obra dá visibilidade a oportunas reflexões sobre o digital, escancarando as relações de poder e traços totalitários de comportamentos sociais, atrelados ao *inconsciente-digital* de controle psicopolítico da comunicação. Assim, Byung-Chul Han (2018) dá visibilidade à temática do mundo digital em suas relações de poder na comunicação para o mercado de trabalho, cujos traços totalitários da programação afetam todas as instâncias e comportamentos da vida social, inclusive o campo educacional, que passa pela substituição de professores por programas de inteligência artificial, projetando uma submissão total e instrumentalização do

inconsciente-coletivo do controle *psicopolítico digital*. Han contribui para enfrentar os desafios da mera adequação dos sujeitos ao sistema de produção do trabalho na perspectiva da lógica digital que serve ao capital, de uma comunicação técnica, visando garantir a eficácia da transmissão do conhecimento. (HABOWSKI; CONTE; TREVISAN, 2019). Entre os vários desafios da atualidade, o debate ilustra as novas técnicas de poder e coerção da liberdade humana, incluindo o tempo necessário para o pensar na educação. As discussões giram em torno da questão da otimização do trabalho individual em uma sociedade do conhecimento sem fronteiras e da comunicação total, que reforça os mecanismos neoliberais. Indicamos a leitura do livro, pois instiga a pensar sobre os mecanismos intrínsecos ao agir socioeducacional na cultura digital que podem funcionar como subterfúgios para fazer frente a essa tendência de mercado global.

REFERÊNCIAS

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; TREVISAN, Amarildo Luiz. Por uma cultura reconstrutiva dos sentidos das tecnologias na educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 40, n. 2, p. 1-18, 2019. DOI: 10.1590/ES0101-73302019218349

PETRY, Cleriston; CASAGRANDE, Ana Lara. A educação e o “fenômeno digital” na sociedade contemporânea. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 14, n. 2, p. 622-637, 2019. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.14n2.012

VAN DICK, José. *Mediated memories in the digital age*. California: Stanford University Press, 2007.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.